



# POLIAMOR: RELAÇÕES DE GÊNERO E AS DINÂMICAS DA SEXUALIDADE EM UMA SOCIEDADE PREDOMINANTEMENTE MONOGÂMICA E HETEROSSEXUAL<sup>1</sup>

Marina Barra<sup>2</sup>  
Amanda Prates<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** O grupo formado pelo estágio de investigação ofertado pela PUC Minas do São Gabriel tem se dedicado a investigar as relações de gênero e as dinâmicas de sexualidade em relações poliamoristas, através de uma busca teórica articulada com os conhecimentos adquiridos no campo. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo relatar as diversas concepções de amor ao longo do tempo priorizando a relação poliamor, como também, identificar a existência do poder nas relações poliamoristas. Através das entrevistas semiestruturadas, foi investigado o conceito de amor e as declarações sobre gênero e sexualidade das pessoas, que já tiveram ou têm relações poliamorosas, de modo a compreender os fatores relacionados às questões de gênero, sexualidade e poder. É preciso advertir que o conceito de poder usado durante o texto vem da obra de Foucault e enfocamos na questão da sexualidade em uma sociedade que constrói padrões de conformidades.

**PALAVRAS CHAVE:** Poliamor; Gênero; Sexualidade; Poder.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o nascimento somos ensinados a exercer papéis de acordo com o sexo biológico: homem e mulher, porém, segundo Jaqueline (2012), este é constituído socialmente e varia conforme a cultura. Butler (2016) questiona o caráter imutável do sexo, ou seja, ser homem ou mulher torna-se uma questão de gênero, sendo importante diferenciar os conceitos.

Gênero vai além do sexo, este é biológico e aquele, segundo Butler (2016), é um conceito complexo inseparável das interseções políticas e culturais, com isso o gênero recebe interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e de identidades discursivas, não se constituindo de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, sendo afirmado por Jaqueline (2012) que o importante para saber o que é ser um homem ou uma mulher é a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa, se identifica.

Cabe mencionar que gênero é diferente de orientação em que este se refere a atração afetivassexual e aquele pode ser enquadrado em cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuída ao nascer) e transgênero (pessoa que não se identifica com o gênero que nasceu), apesar dessa diferença tais dimensões se comunicam, mas não depende uma da outra, ou seja, ser homem, como também estes são diferentes de expressão de gênero (como a pessoa se apresenta aparentemente e comportamentalmente), papel de gênero (modo de agir

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela Professora Isabela Saraiva de Queiroz, atualmente docente da Universidade Federal de São João del Rei.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. marinabarrademelo@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. amandacp\_1@hotmail.com

em determinadas situações), bissexual (tem atração afetivo-sexualmete por pessoas de qualquer gênero), assexual (não tem atração sexual por pessoas de qualquer gênero), homossexual (tem atração afetivo-sexual por pessoas de gênero igual), crossdresser (pessoas que usam maquiagem, vestes, acessórios diferentemente do que é socialmente estabelecido para seu gênero, entre outros conceitos. Salientamos que a citação desses conceitos é para dar um norte da complexidade, no Brasil, dos conceitos e termos usados em relação a sexualidade e gênero.

Além das relações livres, poligâmicas, Swing, iniciou-se, de acordo com Cardoso (2010), em 1990 a relação ‘poliamorista’ que é, segundo os adeptos, uma relação não-monogâmica. Porém é importante ressaltar que a monogamia, no poliamor, não é abolida, mas sim repensada: existe uma diferença na monogamia como norma e ideal e na monogamia como prática.

O poliamor é, segundo o blog<sup>4</sup>, “um relacionamento que afirma ser possível não somente relacionar-se, mas também amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de maneira fixa, responsável e consensual entre todos os membros”. A partir deste conceito já é percebido a diferença com as relações livres e poligâmicas, pois estas não aderem a prática de fidelidade, já o Swing, apesar de haver fidelidade, as pessoas que envolvem com os casais não são necessariamente fixas. Na pesquisa surgiram três tipos de arranjos poliamoristas: a “relação em grupo” (todos os membros têm relações amorosas entre si); “rede de relacionamentos interconectados” (cada membro da relação tem relacionamento poliamor, fora do mesmo) e “relação mono/poli” (em uma relação há um membro monogâmico e outro é poliamorista, em que ambos estão bem resolvidos com essa escolha)

Partindo do pressuposto que a monogamia enquadra outra relação fora da sua como traição, eleger a identidade poliamorista é recusar à traição (como ordenada pela monogamia), e reenquadrar a fidelidade, descolando-a da exclusividade sexual para uma lealdade entre os seres. Consideramos que o poliamor pode desconstruir as normas de gênero, definidas a partir de uma construção sociocultural baseada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, uma vez que permite com maior liberdade as relações poliamorosas para ambos os sexos. No entanto, é percebido que essa desconstrução pode não ocorrer completamente, pois mesmo os adeptos ao poliamor não deixam de seguir todos os padrões impostos a homens e mulheres pela sociedade, como formas de se vestir, por exemplo. São estas experiências de gênero e sexualidade no interior do poliamor que pretendemos investigar nesta pesquisa.

---

<sup>4</sup> <http://poliamores.blogspot.com.br>

Uma de nossas primeiras hipóteses era de que o conceito de amor no poliamor era mais livre, no qual não haveria ciúmes, sentimentos de posse, hierarquia e traição. Outra hipótese era identificar nas entrevistas a diversidade dos conceitos nas questões de gênero e sexualidade, em que observamos uma ampliação da sexualidade e por isso elaboramos esse artigo com a finalidade de mostrar também tal ampliação baseado, principalmente, no volume I e II da História da sexualidade de Foucault. Ainda percebemos que um dos motivos da ampliação ocorreu por conta de as pessoas buscarem uma vida mais livre e desvinculada das regras socialmente impostas, contudo não livre de uma hierarquia, ou melhor, de um poder circular, o qual irá ser explicado no decorrer do artigo. É importante ressaltar que, para nós, praticante é toda pessoa que, além de aderir à filosofia, vive ou já viveu um relacionamento poliamor. Priorizamos desenvolver, de forma breve, sobre história do amor até o poliamor, da influência do patriarcado e constituição de família, da ampliação da sexualidade e a existência do poder circular.

Como apareceu a concepção de família nas falas dos entrevistados fez-se necessário conceituar, sendo que o conceito família teve múltiplas transformações por influência de fatores econômicos, políticos, sociais e culturais. Hoje o conceito é atravessado por fatores legais, biológicos e afetivos, em que devemos considerar família como primeiro núcleo, onde o ser humano aprende valores, sendo uma unidade social complexa, que exerce forte influência no comportamento.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, usada para definir um problema, gerar hipóteses, entre outras funções, conforme aponta Minayo (1992), que tal pesquisa preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando o universo de significados, motivos, crenças e aspirações.

O termo poliamor é um neologismo recente servindo de ideologia para quem enquadra-se, como prática e identidade, no contexto não-monogamia responsável. Daniel Cardoso (2010) propõe que, a grande circulação da palavra poliamor, foi no segundo surgimento desta com um viés mais “cosmopolita”, ou seja, pretendia ajudar a solucionar problemas práticos dos relacionamentos amorosos. Salientamos que os conceitos de poliamor variam em estilo e conteúdo.

A internet é o principal veículo de interação entre os poliamoristas, o que favoreceu a internacionalização de suas propostas. A equipe utilizou da internet como meio de informação

e interação com os adeptos da ideologia. Participamos, de 2014 a 2015, de um grupo no facebook ‘Poliamor Belo Horizonte <3’ e ‘Poliamor’, sendo que o primeiro estava com 515 membros e o segundo com 4.433 membros destinados a trocar experiências pessoais sobre o poliamor, promover debates, trocar publicações sobre práticas e marcar eventos, em que tínhamos a intenção de realizar um grupo focal com alguns integrantes. A opção pelo poliamor, por diversos membros, é justificada pela base ideológica do poliamor: liberdade e igualdade entre os membros e por ser uma relação veículo mais livre que a monogamia.

O grupo ‘Poliamor Belo Horizonte <3’ é administrado por dois membros: Jordan Ramos Santos e Paula Morais. Ao entrarmos no grupo há, primeiramente, um tópico de leitura para novos explicando a definição do poliamor e o objetivo do grupo. Eles fazem várias reuniões temáticas para compartilhar conhecimentos com os demais, há um grupo no whatsapp em que marcam eventos e trocam informações de como está o relacionamento; esses encontros são, na maioria das vezes, registrados com fotos as quais são passadas para o grupo do facebook.

‘Os dados coletados não são quantificáveis, pois, em sua maioria, tratam-se discursos, diálogos, de respostas que carregam em si a história de um sujeito e que nos remeteu a refletir não apenas acerca do objetivo que fomos buscar, mas sobre a história das relações pautadas no poliamor, os atravessamentos culturais, políticos, sociais e religiosos nos discursos e nas relações dos poliamoristas, dificultando, talvez, a implementação da base ideológica. Há, também, a presença do poder, mas poder na perspectiva de Foucault (2007) o qual busca explicar, a partir do poder, como ocorre a subjetivação dos indivíduos em suas redes. Logo, o poder-saber, nessas relações complexas de poder e conhecimento, não devem ser vistos como algo que flui de um centro, mas a partir dos pólos ou extremidades.

Ao ler as análises, é necessário afastar do pensamento que o poder é algo soberano (proibição ou imposição) ou que está relacionado a algo dotado de significado negativo e repressivo ou que é algo que se possui e se manipula, pois, segundo o autor da “História da sexualidade: a vontade de saber” (FOUCAULT, 2007), há um surgimento de uma nova forma de dominação constituída com o capitalismo que não se reduz à violência e à repressão, como é afirmado por marxistas, mas é um poder transformador, educativo e se exerce em toda sociedade através de uma rede de micropoderes.

Ressaltamos que a análise das entrevistas, após os participantes assinarem o termo de consentimento, foi realizada utilizando o método de ‘análise de conteúdo’, por meio do qual fizemos leituras do conteúdo das falas dos entrevistados a partir de categorias de análise. Essas categorias foram estabelecidas a partir de nossas hipóteses e objetivos específicos, articu-

lados aos referenciais teóricos que sustentam este estudo. Além disso, no momento de análise, outras categorias emergiram da apreciação dos dados obtidos em campo.

As três categorias analisadas para compreender melhor o poliamor, esta nova forma de constituição das relações de gênero e as dinâmicas da sexualidade em uma sociedade predominantemente monogâmica e heterossexual, foram: *Família, sociedade e casamento; Amor, liberdade e ciúmes; Poder, sexualidade e gênero*

As entrevistas semiabertas foram feitas em lugares públicos, porém calmos e silenciosos. Não foi possível realizar o grupo focal proposto inicialmente, pois houve uma dificuldade em encontrar pessoas dispostas a participar, mesmo havendo muitas delas interagido com o grupo de pesquisadores por mensagens no *Facebook* e *Whatsapp*. Contudo, foi realizada observação simples da interação dos grupos de poliamoristas a partir da análise das mensagens do *Facebook* e *Whatsapp* e durante as entrevistas feitas pessoalmente, as quais foram o melhor meio de perceber como eles praticam e interagem com outros poliamoristas. Nas entrevistas foram feitas perguntas sobre os seus relacionamentos, bem como sobre a aceitação da sociedade e da família da sua vivência.

Salientamos que os entrevistados eram os únicos que podiam informar, com maior riqueza de detalhes, a respeito de sua realidade e suas práticas, além de fornecer informações sobre seu ponto de vista e características de seu meio social, bem como sobre as várias formas de pertencimento neste. Sendo dever do grupo de pesquisadores fazer com que os entrevistados se sentissem à vontade com a situação de entrevista, para que eles pudessem colaborar com o máximo de dados possíveis.

Nas entrevistas e observações dos grupos virtuais foi possível analisar as respostas e discursos referentes à liberdade, igualdade, gênero, sexualidade e monogamia dos poliamoristas de Belo Horizonte, tendo sido dado um destaque para as questões de gênero e sexualidade, como também às relações de poder que permeiam essas relações. Ressaltamos que os valores de liberdade e igualdade formam a base ideológica do poliamor, e foram bastante utilizados nas falas dos entrevistados.

Foram entrevistados 04 membros do grupo ‘Poliamor Belo Horizonte <3’ do *Facebook*. Também foi analisado o grupo virtual do *Whatsapp*, administrado por X e Y, composto por 39 membros (contando com uma das nossas pesquisadoras). Muitos desses membros também fazem parte do grupo do *Facebook*, que também foi analisado. Diferentemente do grupo do *Facebook*, os membros do grupo do *Whatsapp* são selecionados pelos administradores e, a partir da sua entrada, têm que seguir as regras do grupo.

Caracterizamos os participantes da pesquisa e os locais de realização das entrevistas. Ressaltamos que todos os entrevistados entraram em contato com os pesquisadores pelo *Facebook*, após um *post* de uma das pesquisadoras sobre a entrevista, no qual relatava que precisava de voluntários que já haviam vivido o poliamor ou que o estavam vivendo para participar de uma pesquisa. Os entrevistados realizaram contato voluntariamente indo ao nosso encontro em lugares públicos. Cabe assinalar a dificuldade em realizar as entrevistas, as quais algumas pessoas marcaram e deixaram de ir ao local combinado, sem dar notícias depois

A primeira entrevista de fato, depois de várias tentativas frustradas, foi com um casal, com o qual marcamos um encontro no Palácio das Artes por volta das 10h da manhã. Como o local estava fechado, ao chegarmos lá fomos para o Parque Municipal. Apesar da movimentação do Parque, achamos um banco em um lugar não muito movimentado. Cumpre ressaltar que houve resistência de um dos entrevistados em falar, porém, durante a entrevista, o mesmo ficou mais confortável com a situação. Tal entrevista durou vinte e três minutos e cinquenta e um segundos. Um terceiro integrante da relação não quis participar.

A segunda entrevista realizada aconteceu na UFMG, à noite, por volta das 19h. Ao chegarmos ao local vimos que a universidade estava em greve, mas este acabou tornando-se um fato positivo, pois pudemos realizar a entrevista em uns dos bancos do lado de fora das salas, sem nenhuma interferência sonora. A pessoa entrevistada estava disposta a relatar sobre sua relação poliamorosa, contudo, percebemos que não ficou à vontade com a situação de entrevista.

A terceira entrevista foi marcada na Praça da Liberdade, por volta das 19h, no intuito de acharmos um café silencioso por perto, o que não foi possível. Então, fomos para uma outra praça, mais silenciosa, bem perto da Praça da Liberdade. O entrevistado estava colaborativo e confortável com a situação.

A última entrevista também foi agendada no Palácio das Artes, por volta das 10h da manhã. A entrevistada estava colaborativa e bem à vontade em dizer da sua história de vida e das vivências do poliamor. A realização da entrevista foi no café que existe no andar de baixo do Palácio das Artes. Houve interferência sonora, porém, conseguimos uma gravação de qualidade.

A seguir apresentamos um quadro com a descrição dos entrevistados que contém suas idades, orientação sexual, profissão, o tempo de duração da entrevista e status atual do relacionamento:

**Quadro 1 – Perfil dos participantes**

	IDADE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	PROFISSÃO	DURAÇÃO DA ENTREVISTA	SATATUS ATUAL DE RELACIONAMENTO
<b>Luiza<sup>5</sup></b>	33	Bissexual	Programadora de T.I Pós-Graduada	00'23'51	Casada com Tião e namorada um terceiro há 3 anos
<b>Tião</b>	29	“Hétero curioso”	Professor de línguas	00'23'51	Casado com Luizas
<b>Humberto</b>	30 anos	Bissexual	Técnico em química	00'34'45	Solteiro, depois de 5 meses em uma relação poliamorista
<b>Violeta</b>	20 anos	Pansexual	Estudante	00'25'58	Em um trisal, após o término do namoro de 2 anos e 10 meses
<b>Carla</b>	35 anos	Bissexual	Psicóloga	00'16'48	Solteira , depois de uma relação de 2 anos

Fonte: elaborado pelas autoras.

Prosseguiremos com a análise de dados obtidos no campo, o qual foi dividido em três partes: Amor, Liberdade e Ciúmes; Família, Sociedade e Casamento e Poder, Sexualidade e Gênero.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

#### 3.1 famílias, sociedade e casamento

“E eu te peço que se aproxime de mim um pouco, mas não tanto/ A ponto de eu sentir sua falta quando você for embora” (Karina Buhr – Amor Brando)

A partir da leitura do artigo escrito por Thiago Luís Silva (2007) ‘Família, cotidiano e vida privada’ vimos a diferenciação entre as configurações familiares no Brasil ao longo do tempo até chegar aos dias atuais em que casamento e família já não são sinônimos e as configurações familiares se tornaram mais diversificadas, tendo o próprio poliamor como exemplo. Em sua leitura percebemos que apesar das configurações familiares legalizadas no cartório e na igreja serem as mais comuns, as uniões informais estão presentes na sociedade brasileira desde o período colonial. Ilustramos a diversificação da família atualmente com a fala de um dos entrevistados ao perguntarmos se existia hierarquia na sua relação. Vemos na fala de Luiza o valor social e afetivo que o casamento religioso possui em seu relacionamento poliamo-

<sup>5</sup> Todos os nomes são fictícios, para preservar o anonimato dos entrevistados.

rista com Tião, apesar de fugirem da monogâmia ainda há valores trazidos da cultura monogâmica:

Não, a gente se conhecia por causa do grupo de amigos em comum, então tipo (pausa) eu não estava estressando não, até que ela (ex namorada do Tião) começou tipo (pausa), a invadir o meu espaço. No dia do meu casamento, eu casei, a gente alugou um sítio, pra gente casar no sítio, e tal... (Luiza).

Apesar de haver vários pontos de partidas críticos, Silva (2007) afirma que no período colonial os matrimônios aconteciam somente entre brancos e quando ocorria entre ‘grupos’ diferentes não era bem aceito na sociedade. Contudo, essa informalidade na relação era comum na época, pois, com a chegada dos colonos, houve um encanto pela diversidade e beleza das mulheres negras e indígenas que não estavam aptas ao casamento, levando-os a relações de adultério. Salientamos que não estamos culpando as mulheres, apesar da afirmação de Silva suscitar isto, pois estamos relatando um acontecimento do seu ponto de vista e como já suspeitava Butler (2016): existem algumas restrições linguísticas comuns ao pensamento que podem formar, quanto limitar os termos.

Silva (2007), assim como Vaitsman (1994), enfatiza o papel da mulher nas configurações familiares, descrevendo como elas vivenciavam as relações tanto do mundo privado como do mundo público numa realidade colonial. Vaitsman (1994) traz questões semelhantes para a sociedade pós-moderna. A submissão e o respeito ao senhor, no caso o marido, perdurou durante séculos como base da construção da família, em que o homem, provedor da casa, detinha todos os direitos sobre sua esposa e seus filhos. Já na pós-modernidade e na modernidade, Vaitsman (1994) narra que mesmo as mulheres conquistando a autonomia de seu corpo e do trabalho, ainda não possuíam grande valor perante a sociedade. Podemos ver na fala de Humberto que, ainda hoje, mesmo com a conquista de autonomia das mulheres, as mesmas não têm seu reconhecimento da igualdade de valor, pois o mesmo relata que, mesmo em um relacionamento com contrato de pegar outras pessoas, ele ficava incomodando com sua liberdade e via-a como uma nota de dois reais passando na mão de todos mundo

Essa falta de igualdade leva-nos à discussão do casamento, em que as mulheres, durante muitos séculos, permaneceram submissas aos maridos e a monogamia prevalecia fortemente na sociedade, pois possuía um forte apelo e apoio da Igreja, mesmo havendo casos de poligamia ou até mesmo de poliandria. Com isso, vimos que, na fala de nossos entrevistados, até hoje a monogamia é vista como a forma mais importante e aceita pela maior parte da soci-

idade de se constituir uma família, como exemplo, podemos analisar a fala dos entrevistados Tião e Luiza:

Eu casei, a gente alugou um sítio, para a gente casar no sítio, e tal, aí eu tava querendo ir pro quarto, fazer coisas de adultos (risos), é, aí ela tava agarrando o Tião na sala, na frente dos meus pais, que não sabem. Aí a minha mãe perguntou quem era a menina e eu falei ‘uma doida aí qualquer’, não rendeu assunto. Ela ainda achou ruim de eu ter tirado o Tião da sala para levar ele para o quarto, tipo, velho, é o meu casamento, da licença?! (Risos). Eu acabei de casar, não sei se você viu, assim, a cerimônia ali do lado. (Luiza).

Fica notório que a visão de Tião e Luiza ao nos passarem uma ideia de como lidam com a sociedade e suas respectivas famílias se assemelha muito à situação da entrevistada Carla, pois ela nos contou que sua relação poliamorista, composta por ela e mais duas pessoas, também permanecia escondida das respectivas famílias e sofria repressão social, pois mesmo mencionando que é possível, ela não vivia isso por conta da família de Carlos não ter conhecimento do trisal, abaixo ela relata um momento possível de viver essa liberdade por não estar no ambiente cotidiano dela:

É, assim, o Carlos era muito livre assim (pausa pequena) ele não estava nem aí para a nada. Mas eu e a Mônica, a gente já ficava mais reservada, né? Mas assim, teve momento, por exemplo, a gente viajou para Pirenópolis, lá é lindo. A gente andava de mão dada os três o tempo inteiro, fazia tudo, sabe? Bem assim, mas a gente estava fora do nosso mundo, do nosso convívio, do nosso meio. (Carla).

Percebemos também em sua fala como está enraizada para ela a heteronormatividade, em que a “família monogâmica” está no topo da pirâmide, uma vez que, ao ser questionado se ela acreditava que o modelo de união poliamorista poderia também ser visto como uma família e, mais especificamente, se ela acreditava ser capaz de criar a sua filha dentro de uma união poliamorista, respondeu:

Mas assim, o contexto que eu tive a minha filha foi totalmente outro, né [...]. Então, é, socialmente eu aprendi a preservar muito a minha filha, né? Então, assim, até mesmo com amigos, até hoje eu não tenho essa liberdade de abrir a porta da minha casa para entrar vários amigos porque ela vai achar estranho... (Carla).

Carla expõe em outros momentos da entrevista, exemplos que também nos levam a perceber como o preconceito e o medo de se expor, afetaram a sua última relação no poliamor:

Talvez pela cobrança social mesmo, apesar de que ela já tinha, acho que até se assumido para a família em outros relacionamentos antes desse, mas eu acho que tinha sim. Eu lembro de uma vez que a gente foi na casa da mãe dele aqui, né? Aí ela era a namorada dele e eu era a amiga da namorada dele. (Carla).

O entrevistado Humberto foi direto ao pontuar:

Forma alguma. Não sabem, não desconfiam. Não sabem de nada. Um dia um colega de serviço comentou que eu fiquei com uma menina em determinado congresso que fui, chamei no canto e conversei, ‘ou, comenta essas coisas não’. (Humberto).

Neste caso, no posicionamento do entrevistado, além da clara repressão social, existe também um posicionamento pessoal sobre como suas relações amorosas devem ser vividas, neste caso, de forma mais discreta.

É interessante ressaltar a entrevista de Violeta que, apesar da criação diferenciada sobre a questão religiosa, pois sua mãe pertencia a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Mórmon, em que é comum a poligamia, encontrou empecilhos para assumir tanto sua sexualidade como as suas relações poliamoristas. Assim, relata que encontrou maior dificuldade de assumir sua bissexualidade (posteriormente descobriu-se pansexual), do que de evidenciar suas relações poliamoristas:

A aceitação da família né, é meio difícil talvez, muita das vezes, no meu caso, por exemplo, não da questão da não monogamia e do poliamor, mas pela questão da sexualidade, da bissexualidade. Em muitas famílias que eu já presenciei o maior problema é esse. Então na minha família eu já ouvi muito isso: “ah se você fosse um trisal, você mais dois homens, eu não me importaria, mas com outra mulher...”, “ou se você... eh... fosse o trisal, mas você ficasse só com o cara. No começo, a primeira relação de namoro poliamoroso foi assim, a gente apresentava a outra menina como amiga. (Violeta).

Fica uma indagação de como o machismo está ainda presente em nossa sociedade, contudo não podemos desconsiderar que a situação acima vem atravessada por algumas questões que pertencem a religião, pois na fala de Violeta, a equipe observou sua liberdade sexual atravessada por conceitos da família, a qual baseia-se no micropoder (igreja).

A igreja, no caso Mórmon, legitima apenas situações machistas, sendo esta uma estratégia de regulação de saber-poder com a família e segundo o modelo foucaultiano de política sexual emancipatória, a liberdade sexual da Violeta é cúmplice dessas políticas, ou seja, não existe sexualidade antes de lei, situando em matrizes de poder e produzida ou construída a partir de práticas históricas específicas.

O discurso da família para filha Violeta, em que família, em termos foucaultianos, é outra forma de micropoder, a oprimia no sentido de assumir outras formas de sexualidade, pois só seria aceita se envolvesse só com homens e Beauvoir, citada por Butler (2016), reforça que o corpo é uma situação e é difícil recorrer a um corpo sem seus significados e interpretações culturais, tornando difícil a aceitação da família de um corpo que fugiu de suas interpretações.

Vaitsman (1994) deixa claro que em nossa sociedade predominantemente monogâmica e heterossexual há ainda alguns pontos do patriarcalismo enraizados, mesmo após sua decadência decorrente de uma maior atuação da mulher no mundo público. O que nos leva à pontuação da autora, a qual acredita que, a partir deste processo, as mulheres passaram a ter ambições que iam além daquelas do mundo privado, a família e o casamento:

Favorece a reformulação permanente de projetos, vontades e aspirações individuais. O fim da rigidez do burguês moderno chega assim às relações no casamento e na família. (VAITSMAN, 1994, p.51).

Gilberto Freyre, citado por Silva (2007), afirma que a relação entre os homens e as mulheres se baseava na exploração deles sobre elas, o que seria questionável pois a assimetria do gênero e a construção de liberdade do corpo, segundo Butler (2016), não deve ser pensada de forma binária por deixar o corpo aparece como meio passivo, sendo válido pensar num corpo em construção afetado pela cultura, a qual na época o homem era dado o livre gozo do amor e à mulher a rigidez e a obrigação perante o homem e a família,

É importante salientar que, na fala de todos os entrevistados, há uma ânsia pelo fim da repressão e discriminação social sofrida pelos poliamoristas, que, na maioria das vezes, devem se manter escondidos aos olhos da sociedade e viver relações quase criminalizadas, completamente comprimidas à informalidade. O desejo de constituir uma família é visível na fala dos participantes e quando Humberto foi questionado se constituiria uma família no modelo poliamorista, o mesmo respondeu que sim, pois menciona que no modelo monogâmico as pessoas parecem não estarem bem resolvidas sexualmente, abaixo segue a resposta de Humberto:

Sim. Agora, depende da pessoa. Se depender dos poliamorista que eu encontrei... Só desse casal que te contei que é os três meninos. Eu não sou tão homo ao ponto de, por exemplo, me juntar a eles. Mas é a única pessoa que eu lidei poliamorista que eu falei assim "não, eu teria coragem de entrar nesse relacionamento". Porque sendo bem pejorativo, por exemplo, "só vai dar gente doída nos relacionamentos não monogâmicos" que pelo amor de Deus! Parece que a pessoa não estar bem resolvida sexualmente, ela não dá conta do mundo como ele é, que as pessoas saem. Acho que

assim, vou me entregar a uma forma não monogâmica e você vai resolver meu problema. Não, só vai piorar. Aí você encontra muita gente perdida nesse processo, em um sofrimento grande. Então assim eu diria que sim, mas, a chance de isso acontecer é baixa. (Humberto).

Já na entrevista de Violeta vimos não só a sua vontade, mas também a de seus parceiros de formar uma família:

A gente está com planos aí, de em janeiro, a gente vai fazer uma viagem internacional, assim, vê o que vai dar lá fora e tal. Então, já é uma oportunidade da gente está vendo como a gente vai poder se adaptar juntos. A gente vai passar um tempo junto num mesmo ambiente, morando. (Violeta).

Salientamos que nos dias atuais e, precisamente no dia 18 de outubro de 2015, no Rio de Janeiro, foi realizado pela primeira vez o registro de união estável entre 3 mulheres, a tabeliã alegou que não há uma lei específica para tal caso e, por serem vistas como uma única união, são consideradas uma família poliafetiva.

Piva (2015) menciona que foi dito pelo presidente do Instituto Brasileiro de Direito da Família (IBDFAM)<sup>6</sup> que tais casos só são reconhecidos quando os envolvidos se caracterizam como núcleo familiar único. Tendo em vista a evolução da aceitação de tal forma de relacionamento perante a lei podemos dizer que há uma abertura para a sua oficialização, contudo, diante da sociedade ainda vemos muito preconceito e julgamento. Será que isso irá mudar a visão da sociedade?

Notamos, inclusive, que as pessoas que vivem relações poliamoristas se sentem impedidos socialmente de constituir uma família, mesmo sendo o desejo de muitos, porém, uma minoria enfrenta esse poder que a sociedade tem sobre essa nova forma de amar. Ressaltamos que para Foucault (2007) é com essas atitudes que há mudanças sociais, isto é, a mudança ocorre a partir do momento que apenas a aceitação pessoal não é suficiente, também existe a necessidade da aceitação do outro da sua forma de vida, para que se consiga viver de forma plena e saudável.

### 3.2 Amores, liberdade e ciúmes

“Você não compreendeu que o ciúme é um mal de raiz. E que ter medo de amar não faz ninguém feliz” (Chico Buarque - Medo de Amar).

---

<sup>6</sup><http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,rio-registra-primeira-uniao-estavel-entre-3-mulheres,1781538>

A análise do amor como forma de liberdade se faz necessária devido ao aparecimento dessa relação amor/liberdade nas falas dos entrevistados e vimos, então, relação com a teoria de Giddens (1993). Este autor relata as várias transformações do amor durante sua obra, sendo que essas transformações podem ser divididas em amor apaixonado<sup>7</sup>, amor romântico<sup>8</sup> e amor confluyente<sup>9</sup>.

O amor apaixonado aparece nos relacionamentos poliamoristas com pouca frequência, pois constitui-se como um encantamento fora da relação fixa sem o consentimento do cônjuge, que acaba prejudicando o cotidiano de quem o vive. Podemos identificar na fala de Humberto o acontecimento do termo amor *passion*:

Eu não posso, por exemplo tô num relacionamento desse tipo com ela. Ela assim: "to indo pra casa da minha mãe". Ai de repente eu passo em tal lugar e vejo ela em outro lugar com outra pessoa. Isso é uma traição dentro do Swing. (Humberto).

Mesmo se fosse na frente e o outro não concordar. Seria também uma traição? (Entrevistador).

Isso! (Humberto).

É como se tivesse uma fidelidade do casal pra essas práticas? (Entrevistador).

É! Eu vejo tudo como uma forma de acordo, pela minha formação. Então se eu falar, "nós dois podemos fazer o que quisermos, quando quisermos e do jeito que quisermos", é um contrato. Nós temos um relacionamento monogâmico, é um contrato, é um trato, é um acordo. Então se quebrar esse acordo é traição. (Humberto).

Pode inferir na fala acima a presença do amor *passion*, pois a traição, frequentemente, aparecia em relações que se baseiam nesse tipo de amor. Apesar do amor *passion* aparecer na fala de Humberto, é importante dizer que isso não é comum nas relações poliamoristas, pois os poliamoristas priorizam a transparências nas relações. Podemos ver a transparência na fala das entrevistadas Carla e Violeta além disso, têm uma liberdade de falar que gostam de outras pessoas fora da relação constituída.

---

<sup>7</sup> É o mesmo que *amor passioné*, em que Giddens (1993) diz que há uma maior liberdade, para o homem, liberdade que está na quebra da rotina e do dever, ou seja, é o amor com outro para ser mantido deve haver a traição., sendo que esta não é mencionado para o parceiro

<sup>8</sup> O amor romântico é cultural, ou seja, histórico, e com isso está ligado ao poder e ao vínculo mais duradouro entre os casais, sendo sustentado por meio de um compromisso mútuo firmado entre o marido e a esposa com seus respectivos deveres. Segundo Giddens (1993), a origem do amor romântico está associada ao lugar social ocupado pela mulher.

<sup>9</sup> No amor confluyente, Giddens (1993) diz ser a busca é por um relacionamento especial, e não mais por uma pessoa especial e idealizada. A união dos indivíduos, a partir de um desenvolvimento da intimidade, pressupõe uma igualdade entre homens e mulheres nas trocas afetivas e no recebimento emocional entre os parceiros

O amor eu acho que tem muito a ver com essa questão da liberdade, sabe? Você querer assim, é, não ter tanta posse assim pela pessoa, mas querer o bem dela... (Carla).

Deixa eu pensar, porque é uma pergunta bem, bem difícil. Ai meu Deus, o amor... é... hã... é... Eu tenho uma frase que eu gosto muito, muito que é a que eu levo para minha vida, “O amor deve ser multiplicado e não dividido”. Isso para mim é o amor, ser livre “tipo” o amor, não tratar o, não ter o amor como algebras. (Violeta).

Já o amor romântico ocorre de forma sutil nas relações poliamoristas uma vez que os seus praticantes aderem ao compromisso, como relata Humberto que vê as relações como uma forma de acordo, um contrato e a quebra desse, para ele, caracteriza traição.

A diferença do amor romântico para o amor poliamorista é a forma como constitui o compromisso, sendo que no amor romântico o compromisso é realizado por duas pessoas apenas e já no poliamor acontece com várias pessoas que se sentem realmente ligadas afetivamente e não apenas sexualmente, como fica evidente na fala de Violeta:

Agora eu tô iniciando um outro relacionamento com um menino e uma menina que eles já namoram há quatro anos, os dois tem dezenove anos e eles namoram há quatro e aí eu conheci eles lá em São Paulo, eles são de lá. (Violeta).

O mais pertinente, contudo, foi relacionar o amor confluyente com o amor vivido pelos poliamoristas, pois aquele amplia a ideia de liberdade dentro das relações o que é buscado por quem vive o poliamor. Ressaltamos que tanto no amor confluyente, quanto no poliamor, pessoas se relacionam por sua própria vontade e permanecem nas relações por escolha, isto é, enquanto ambas as partes se sentirem satisfeitas. É perceptível esta relação entre amor confluyente e o poliamor pela fala dos entrevistados:

Para mim amor é você realmente gostar da pessoa e querer... a felicidade dela... e de preferência você podendo contribuir para a felicidade dela [...] a visão de amor que cabe dentro do poliamor é realmente isso de... você querer essa felicidade do outro. (Tião).

É meio complicado de definir, mas eu acho que... o sentimento que você sente de... do jeito que você gosta da pessoa, o jeito que você quer bem, o jeito que você... quer ela por perto... o jeito que ela te faz bem, o jeito que você faz bem a ela...é tipo, todo uma relação de cumplicidade, assim é uma coisa muito... difícil de definir. (Violeta).

[Então, o que é o poliamor para você? Você sabe definir?] Poliamor para mim é liberdade, é o amor de verdade para mim, eu acho. (Violeta).

É... Na verdade, ah não... Tem uma monja que eu gosto muito (risos). O amor ele é você desejar o bem do outro, você se entregar em parte ao outro sem necessariamente desejar nada em troca. (Humberto).

Olha, o amor eu acho que tem muito a ver com essa questão da liberdade, sabe? Você querer assim, é, não ter tanta posse assim pela pessoa, mas é querer o bem dela,

né? Querer que ela seja feliz, querer a realização dela e ao mesmo tempo dar conta de conviver com isso, né? Assim, de viver com essa falta, né? Assim, que a pessoa vai mas ela volta, e, mas aí eu já tô falando de poliamor. (Risos). (Carla).

Assim, essas duas formas de amar, amor confluyente e poliamor, são pensadas a partir de uma maior transparência nas relações. Observamos nas falas dos entrevistados uma forte presença dessa forma de amor livre, sendo que os participantes relatam a importância de uma relação satisfatória para todos os companheiros, que têm total liberdade para expor seus desejos. No entanto, quando os parceiros não conseguem chegar a um acordo que os agrade, os relacionamentos acabam se desfazendo, como aconteceu no relacionamento de Humberto que relata ter problema ao ver sua namorada igual “nota de dois reais” passando na mão de todo mundo e ainda diz:

Então... assim (pausa) se fechasse nas mesmas pessoas como era na turminha, era mais tranquilo. Era mais aceitável para mim, mas assim, a coisa foi ficando bastante intolerante, bastante complicada... (Humberto).

Constatamos que as transformações do amor vêm com as mudanças nas tradições e nos pensamentos, permitindo aos indivíduos definirem com liberdade pessoal o que querem para suas vidas amorosas e sociais, construindo sua identidade fora ou dentro dos ideais impostos no ocidente.

As transformações que dizem respeito a essas mudanças foram ocorrendo ao longo do tempo. A liberdade para escolher e definir sua própria vida amorosa nem sempre foi algo possível, especialmente para as mulheres. Em seu livro “A história do amor no Brasil”, Mary Del Priori (2005) nos conta que esse processo se tornou forte no período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, quando as consequências desta proporcionaram uma reestruturação no papel social feminino. Tiveram início os chamados Anos Loucos, onde as instituições e práticas sexuais se tornaram mais livres e expostas. As mulheres passaram a ter mais de um relacionamento amoroso na vida, a se divorciar, a viver relações sexuais com outras mulheres, dentre outras práticas que inicialmente chocaram e abismaram a sociedade em geral, mas que com o tempo foram se desenvolvendo, se tornando comuns apesar dos preconceitos ainda existentes, e transformando os modos de amar, até alcançar o que Giddens (1993) chamou de amor confluyente, como foi explicado anteriormente.

Contudo, ainda que o poliamor se encaixe na categoria de amor confluyente, consistindo em uma forma moderna e diferenciada de amar, questiona-se se ele não poderia estar sujeito a problemas mais característicos de outras formas de amor. Os ciúmes que é a quebra da confiança, em uma lógica cultural de consumo, Bauman (2004), argumenta que a dedicação

necessária para que haja confiança pode representar um preço alto, que nem todos estariam dispostos a pagar por uma relação que envolve dedicação e compromisso mútuo. Nesse ponto, podemos pensar que a facilidade em trocar as pessoas vem deste preço caro a se pagar e que o ciúmes das relações poliamoristas pode ser representado por insegurança, não sendo o ciúme exclusivo das relações monogâmicas.

Verificou-se no campo que, diferentemente do que se pensava, ciúmes não é exclusivo das relações monogâmicas, mas sim algo presente em todos os tipos de relação. Na entrevista de Tião e Luiza, que vivem o poliamor, fica clara essa visão quando Luiza diz:

Ele briga comigo, mas não quero nem saber, sou ciumenta e possessiva com os dois. (Risos). (Luiza).

Segundo Giddens (1993), o domínio do ciúme nas relações amorosas contemporâneas vem acompanhado da necessidade de alguns acordos estabelecidos entre os membros da relação, como por exemplo, se conhecerem e comprometerem-se uns com os outros, permitindo um relacionamento satisfatório, o que fica claro na fala de uma das entrevistadas quando ela diz que:

A regra principal é a transparência, é não mentir. É tipo, se ta conhecendo outra pessoa, vai começar a sair com outra pessoa, ta ficando com outra pessoa. Conta, fala da outra pessoa antes. É a regra principal. (Violeta).

Para Bauman (2004), a confiança nos relacionamentos amorosos deve ser construída e cultivada através da dedicação, da afinidade e da fidelidade, buscando o bem estar dos parceiros, além de afirmar que o relacionamento amoroso torna-se uma experiência passível de repetição, mudança e de dissolução ao longo do tempo, sendo comum as pessoas terem tido vários parceiros, amores ao longo da vida.

A partir dos temas abordados nesta análise, verificamos que nos relacionamentos poliamorosos existem características comuns as dos relacionamentos monogâmicos, como por exemplo, o desejo de constituir uma família, os ciúmes e a confiança. Diferencia-se, no entanto, no que diz respeito ao número de membros envolvidos na relação e, também, na ideologia de liberdade e transparência entre os membros para expor seus desejos, o que fica visível na fala de Violeta quando expõe que a regra principal em uma relação é a transparência.

Segundo Del Priore, entre as décadas de 1960 e 1970, as diversas inovações no mundo da música, da mídia, da política e economia e da medicina possibilitaram uma revolução no âmbito das vivências sexuais e amorosas. Começaram a surgir as pílulas anticoncepcionais, o

estilo de vida hippie e ambientes como boates e clubes noturnos, que possibilitaram às pessoas viverem e expressarem sua sexualidade mais amplamente.

Salientamos que, embora a sociedade contemporânea, distante das décadas de 60-70, os padrões de relacionamentos predominam, e ficam visíveis na fala de um adepto do poliamor. Os poliamoristas podem incluir pessoas ao relacionamento, desde que tenha o consentimento de todos os integrantes. Além disso, percebe-se que ainda falta uma maior aceitação social para que os praticantes do poliamor possam vivenciar sua experiência com mais liberdade.

Podemos ver que isso acontece até hoje, de acordo com a fala de Humberto:

Foi cinco meses. E começou com uma coisa completamente sexual. Começou com Swing. Só que depois de um tempo, o Swing com a mesma pessoa... O termo Swing é tranquilo pra vocês? Vocês conhecem? (Humberto).

Em casa, mas eu tinha... nossa! Era um grupo. Éramos um grupo. Nossa isso foi uma bagunça, eu tinha um grupo de amigos, assim, nerds. Eu sou nerd. [...] Que jogavam muito RPG, e esse povo era mais depravado que tudo! (Risos) As festas de RPG. Assim, depois que eu fui na casa do Swing eu me senti em casa, assim não tinha nada de mais. Então começou com esse grupo, aí agrega pessoas, você conhece gente, estudantes da federal, amigos nossos que eram da dança, eu também sou da dança, era dançarino. Então juntou o grupo assim, um grupo que era nerd, um grupo de amigos que fazia belas artes e um grupo da dança, e, quando foi ver todo mundo se conhecia, todo mundo saía, fazia festas e etc... (Humberto).

Segundo Del Priore (2005), com a flexibilização da moral sexual, casais não casados já podiam circular socialmente, pois eram mais aceitos. Aos olhos da igreja a sexualidade, que ainda era vista como pecado, passou a ser vista de uma outra forma em que o amor e o prazer poderiam estar juntos. Podemos ver na fala de Violeta, que a religião a qual ela segue, Mórmon, faz essa mistura entre amor e prazer, porém, liberada apenas para os homens. As mulheres sempre sofreram um preconceito maior quando se trata de sexualidade. Mesmo quando a revolução sexual possibilitou a abertura para a expressão homossexual masculina, a feminina ainda precisou passar por várias etapas até se tornar mais aceita. Segue a fala de Violeta sobre isso:

Então, a gente se conheceu na igreja que eu fazia parte que é uma igreja mórmon que eu te falei. E a gente... e o que acontece, eu acho que vem daí esse meu pensamento de não gostar de relações monogâmicas, porque não sei se você sabe, a igreja mórmon ela pratica a poligamia. A igreja mórmon [...] Ela pratica a poligamia. Porém, aqui. Em outros países como os Estados Unidos é bem aberto, aqui é bem escondido, por aqui não ser uma coisa legalizada é bem escondido. Eeee então é uma coisa que eu meio que cresci vendo isso, mas lá é só os homens que podem ter várias mulheres. (Violeta).

Podemos perceber pela leitura do livro de Del Priore (2005), pelas notícias atuais e pela introdução do poliamor em novelas e séries, que as formas de amor e sexualidade estão conseguindo ampliar cada vez mais seu espaço e sua aceitação. Será essa ampliação uma busca da base ideológica das relações poliamorista: liberdade e igualdade ou é uma fuga da perda, ou seja, mantém várias relações para não perder as várias outras possibilidades de pessoas?

Grande parte da responsabilidade pela chegada desses temas nas casas que nunca cogitaram outra forma de sexualidade deve-se à atenção que a mídia e os meios de comunicação passaram a dedicar a esse assunto, com programas, músicas e publicações. Alguns exemplos dessa divulgação são a revista "Ele Ela" – citada no livro de Del Priore (2005) – e a série do GNT, "Amores Livres", que aborda a formação de casais diferentes do tradicional. A revista citada, com público-alvo de casais modernos de classe média, foi um marco para década de 60 por trazer à tona discussões de temas polêmicos, como revolução sexual e feminismo, dando um tom de debate público.

### 3.3 Poder, sexualidade e gênero

“E onde buscas o anjo, sou mulher. Onde queres prazer, sou o que dói. E onde queres tortura, mansidão. Onde queres um lar, revolução” (Caetano Veloso - O Queres)

No decorrer das obras de Foucault sobre a História da Sexualidade é notório a preocupação com o poder, sendo esta uma questão central na sua obra. Por isso, a leitura de Foucault torna-se importante ao percebemos, na maioria das entrevistas, a presença do poder. Ilustramos pela fala de Tião:

A gente começou realmente... a gente, foi convite dela. A gente foi numa casa de Swing. Ai por ta na casa de Swing começou...só que a gente queria alguma coisa mais... não só física, realmente ter algum tipo de envolvimento. E aí tinha amigo nosso que... é... que já praticava o poliamor e apresentou pra gente. (Tião).

A fala acima ratifica o argumento de Foucault (2007) ao propor que a sexualidade, como construção histórica, é um sistema aberto e complexo de discurso e poder, pois no momento em que Tião relata estar na casa de Swing e por isso começou a praticar formas não-monogâmicas, cai por terra o sexo como unívoco e causal.

Além da equipe sugerir uma relação de poder na fala de Tião, que, segundo Foucault (2007) o poder não se concentra apenas nas formas estatais, pois tais formas soberanas não

seriam suficientes de controlar os indivíduos, ocorrendo a fragmentação do poder em que o controle será de forma ampla em toda relação social. Tal fragmentação vem com a ideia de micropoder cujo controle ocorre por meio de poderes disciplinares não-hierárquico em relações complexas, fazendo com que os indivíduos sejam, de forma sutil e persuasiva, controlados.

Ressaltamos que, após esse controle, os sujeitos aderem às normas não pelo temor à elas, mas por conta de ser convencido de que será bom pra ele - o que ocorre na relação de Tião. Torna-se pertinente ressaltar que Foucault (2007) diz que o poder, como prática social, opera entre os pares em ações cada vez mais regionalizadas, ficando difícil de identificar quem é o vilão e quem é o bom da relação, sendo um instrumento disciplinador e gerador de saberes, os quais criam novos poderes – é um poder circular e não hierárquico.

Cumprir dizer que o mecanismo de poder, no primeiro volume da obra de Foucault (2007), não pode ser entendido como sendo de ordem repressiva, isto é, jurídico-discursiva, pois o autor questiona esta hipótese no decorrer da sua obra, concluindo que a repressão do sexo não é uma indicação histórica e o poder, como já dito, é entendido não é feito por hierarquia, mas sim em forma de rede pelo saber-poder.

Ressaltamos que talvez essa ideia de micropoder não esteja visível aos olhos da população, pois, na sociedade atual, a hierarquia sempre foi entendida em formato de pirâmide, dificultando, talvez, que Tião e Luiza percebessem a hierarquia dentro do *trisal*<sup>10</sup> que eles viveram:

Pensa, dentro do poliamor, já que eu não sou poliamorista (risos). É porque tipo, dentro do... eu sou muito possessiva, eu sou muito controladora, eu sou muito possessiva, e... eu não sei se eu quero desse jeito (risos), eu fico incomodada quando alguém entra em competição comigo, tipo a.. a transloucada da menina que ele arrumou pra namorar, cismou, a menina falou 'ah, tá com ciúmes, não posso fazer nada', aham, quero ver te mostrar que não pode fazer nada. Uai, mas eu fiquei puta, porque tipo, o que me irrita é esse, a pessoa tá entrando no... na bagaça agora e querer tipo, disputar espaço comigo, o espaço é meu, você arruma um pra você, mas o meu você não vai arrancar não (risos). Aí nisso ele tipo, eu não sei bem se é uma hierarquia, eu não gosto que eu... tem certos espaços que eu não gosto que sejam invadidos. (Luiza).

[E por que você não caracteriza como poliamor o seu relacionamento?] (risos) porque tem ciúmes e não pode ter isso, a... eu falo que sou ciumenta mesmo, tenho ciúmes dos dois. Tipo e não é porque eu sou ciumenta que não podem ficar com outras pessoas, não, nem é isso. Mas pra chegar ao ponto de pelo menos fazer o outro feliz. Mas assim, é... eu não sei, eu acho que as pessoas colocam muita receitinha de bolo nas coisas e eu não gosto de entrar em caixinhas, e como eu não me enquadro

---

<sup>10</sup> Termo usado pelos participantes, e que significa relacionamento afetivo envolvendo três pessoas.

bem em todas as caixinhas, aí vem falar que eu não sou.... ‘ah você não é por causa disso’. (Luiza).

Eu acho que é uma relação poliamorista. (Tião).

Ele acha que eu sou poliamorista. (risos). (Luiza).

[Então?] Eu não gosto de rótulos. (Pausa pequena) eu tenho uma relação com os dois, sou apaixonada pelos dois (o marido e o namorado de Luiza), e é isso aí. (Luiza).

Assim, Luiza deixa claro ao dizer “sou muito possessiva” e que fica incomodada quando alguém entra em competição que é uma das pessoas com o poder. É importante deixarmos claro que não quer dizer que sempre será ela que irá exercer o poder, pois, como já mencionado, o poder é mutável dentro dos micropoderes.

Após a origem das instituições, em que o saber e o poder disciplinar aconteciam intrinsecamente, houve interferências na autonomia dos indivíduos, deixando-os pacatos. Essas interferências ocorridas pelo mecanismo de dominação que se fazem valer, principalmente, pela disciplina, não vêm apenas das instituições, podem vir de amigos e das relações, como podemos ver, pela fala de um dos entrevistados:

Nossa! Era muito estanho! Porque eu sou mais quieto, mais devagar, mais na minha, gosto de ficar tipo assim... Sou tipo que olha o... É a noite inteira secando uma pessoa pra... Pra ir lá e ficar só com ela. E ela meio que me empurrava. Ela fazia... Ela fazia (risos) bizarro isso! Ela fazia meta de garotas que eu tinha que sair por semana. Garotas diferentes (risos) que eu tinha que sair por semana! (Humberto).

Torna-se importante também o que Gayle Rubin (1992) discute em seu artigo ‘Notas para uma teoria radical as políticas da sexualidade’, pois ela considera a sexualidade uma forma política organizada por meio de sistemas de poder, desigualdade e modos de opressão.

Porém, as ideias de Rubin (1992) são contrárias às de Foucault (2007), pois a primeira acredita em hierarquia na forma de pirâmides e, para Foucault (2007), como já mencionado, tal hierarquia, sendo o poder um círculo. Pelo traço dessa análise política do poder, feita por Foucault (2007) a forma hierárquica de se pensar reduz o sexo ao regime binário: permitido e proibido, lícito e ilícito, sendo formas terminais da forma do poder. Salientamos que o poder para Foucault é entendido pela:

multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inventa (FOUCAULT, 2007, p. 102).

Afastado o caráter repressivo também do sexo, Foucault (2007) ressalta as técnicas polimorfos de poder (relações sem padrões de comportamento) que através de discursos – para o autor o silêncio, a censura e a negação são formas de discursos – regulam a sexualidade do indivíduo, intensificando-a.

Alguns exemplos de canais que geram essas polimorfos do poder seriam a medicina, a psiquiatria e as leis penais que criam regras e estudos sobre perversões, patologização de algumas práticas, como também a racionalização.

Ao tornar o sexo aproveitável mediante a racionalização é criada uma política do sexo, com necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos caindo por terra a repressão que era usada com o rigor de uma proibição para regular a natalidade, doenças, sexo entre crianças, entre outros. Rubin (1992) complementa mencionando que as sociedades ocidentais modernas vivem um discurso da heteronormatização em que os atos sexuais são analisados de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais: heterossexuais maritais (maridos) e reprodutivos estão no topo da pirâmide erótica e são recompensando com respeitabilidade, suporte institucional, benefícios materiais entre outros; abaixo se encontram heterossexuais monogâmicos, não casados, em relação conjugal, seguidos pela maioria dos heterossexuais.

Um dos problemas da modernidade ocidental é manter discursos que regulam e ordenam a sexualidade e, para mantê-los, acaba criando uma série de nomes para o que, na verdade, já existe e foge à regra. Rubin (1992) diz que, conforme a pirâmide acima citada vai descendo, os indivíduos que estão mais abaixo são vistos como ligados às práticas sujeitas à má reputação e relacionadas com a criminalidade. Foucault (2007) dá exemplos de micropoder-nomes criados para o que foge à regra: exibicionistas, fetichistas e aqui podemos incluir o termo poliamoristas, relações livres, trisal, etc. No trecho abaixo, podemos ver a menção ao que foge à regra e à ampliação da sexualidade:

O cara a gente tentou introduzir ele foi aos pouquinhos. Não... Não chegou totalmente a concluir. Então assim, ele é... até que ele quis. É que não tivemos notícia dele ficando com homem, inclusive a primeira vez que transei com um homem, foi... não foi bem exigência dela, foi tipo um fetiche dela “não, quero ver você com outro cara”. (Humberto).

Durante a pesquisa foi percebido que, apesar das pessoas que vivem a relação poliamorista acharem natural a prática, não a vivenciam plenamente no cotidiano, pois eles se vêem condenados por algumas pessoas e justificam essa rejeição por estarem fugindo de um padrão social abarrotado de regras e pudores, tendo que limitar suas práticas a lugares públi-

cos e familiares, o que pode ser visto nesse trecho da entrevista onde Luiza deixa claro que achou um absurdo a ex namorada do seu marido se exibindo para família em seu casamento com Tião:

Inclusive, olha só, o meu namorado tava na casa, ele não chegou perto de mim hora nenhuma, mentira uma hora dentro do quarto. (risos) mas quando a gente ficava era dentro do quarto, ninguém viu, a família inteira tava lá, eles não precisam saber disso, minha mãe desconfia que eu namoro o meu namorado mas tudo bem (risos). Mas assim, eu achei um absurdo, muito abusivo, muita falta de respeito, tipo, com a minha família e com a dele. (Luiza).

A equipe ao escutar Violeta, percebemos que ela resiste ao micropoder: a religião dos pais, a qual permitia a poligamia dos homens, ressaltamos essa resistência a fez procurar praticantes do poliamor, pois para Foucault (2007) no momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência e, a partir dessas resistências, poderão ocorrer mudanças sociais.

Ressaltamos que o autor da "História da sexualidade" diz que, ao contrário do que acontece no oriente, não estamos preparados para um discurso da verdade sobre o sexo e, com isso, não tratamos o sexo como objeto de conhecimento, mas sim como '*scientia sexualis*' (ciência da sexualidade) enquanto eles tratam como '*ars erotica*' (arte erótica).

O conhecimento repassado pela '*ars erótica*' relatado por Foucault (2007) é um conhecimento do prazer sensual, sendo que o indivíduo contém a verdade sobre si mesmo no prazer, além de saber como experimentá-lo, intensificando-o ou maximizando-o. O conhecimento só pode ser passado de um mestre experiente para um novato iniciante, não deixando dúvida de quais prazeres são permitidos e quais são proibidos, dessa forma o conhecimento é apenas uma questão de saber sobre os seus próprios prazeres.

O controle da sexualidade, afirma o autor da "História da sexualidade", funciona por um mecanismo de dupla função: poder e prazer, em que o indivíduo, por um lado controlado, usa da confissão para então libertar-se dos poderes 'repressivos' que tentam calar sua prática não normatizada e por outro tem o prazer de realizá-las. Foi verificado que isto ocorre com Tião, que afirma no começo da entrevista que é heterossexual curioso e, no final, trava o seguinte diálogo com sua esposa:

Mas eu não tô falando do seu problema com relações homoafetivas em geral, eu tô falando do seu problema com a minha homoafetividade. (Tião).

A sua homoafetividade é um pouco mais problemática, já começou... (Luiza).

Já começou essa ideia minha... (Tião).

Ele é o meu namorado aí não dá, aí eu preciso bloquear um pouco. (Luiza).

Cabe dizer que Rubin (1992) explana sobre os sistemas de julgamento os quais buscam determinar onde um ato particular se enquadra, supondo que há certa forma de fazer e que ela deveria ser válida a todos como um sistema universal. A moralidade sexual, para Foucault (2007), no sentido amplo, abrange o aspecto dos códigos de comportamento e o das formas de subjetivação, sendo aqueles um sistema de regras e valores que vigoram numa determinada sociedade ou num grupo – como o poliamor – e as formas de subjetivação sendo quando o indivíduo é chamado a construir seu próprio julgamento.

Para Rubin (1992), a moralidade tem mais em comum com as ideologias do racismo do que com uma verdadeira ética, concedendo virtude aos grupos dominantes e relegando o vício aos não-privilegiados. Ela ainda segue afirmando que uma moralidade democrática deveria julgar os atos sexuais pela forma que um parceiro trata o outro, o nível de consideração mútua, a presença ou ausência de coerção, a quantidade e qualidade dos prazeres que eles proporcionam e, assim, não seria necessário analisar como preocupações éticas se os atos sexuais são heterossexuais ou homossexuais, em casal ou em grupo, nus ou com roupa íntima, comercial ou não-comercial, com ou sem vídeo.

Para Foucault (2007), o indivíduo é chamado a se conhecer como sujeito moral da conduta sexual, “em que o sujeito moral se refere a uma lei ou um conjunto de leis às quais ele deve se submeter sob pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo” (FOUCAULT, 2007, p. 28).

Cumprе salientar que para os gregos antigos, o ato sexual era positivo e a homossexualidade era livre fazendo parte dos ritos mantidos por mestres e pupilos em busca da sabedoria. Já os cristãos, como já mencionado acima, associam o sexo ao mal e passam a excluir uma série de atitudes como a infidelidade, a homossexualidade e a não-castidade. Prega-se, a partir daí a abstenção, a austeridade, o respeito à interdição, de modo que o indivíduo se sujeite ao preceito cristão em torno do sexo. Concomitantemente a isso, a própria organização penitencial do século XIII provocou a codificação da experiência moral.

Corroborar com a ideia de Foucault Rubin (1992) quando diz que a sexualidade carrega um estigma extremo e punitivo os quais mantêm os discursos que certos comportamentos sexuais são de baixo status. Ao contrário do que ocorre hoje, segundo Foucault (2007) na Grécia antiga não havia instituições para fazer respeitar as interações sexuais, contudo, a Igreja que surge fundamentada no século IV pelo filósofo Santo Agostinho constrói discursos de

relação com o outro tirando a ideia da Grécia que era pautada em uma técnica de atenção ao corpo, voltada para a gestão da saúde, um cuidado de si que influenciava nas práticas sexuais.

Foucault (2007) ensina a desconfiarmos das palavras, que não dizem as coisas como elas são. Acredita que o homem ocidental foi levado a reconhecer-se como um homem de desejos. Para ele a palavra sexo está ligada à biologia e a palavra sexualidade, vocábulo do século XIX, é conduta do sujeito. Porém, sexo também é discurso para o autor. Ressaltamos que sua obra faz uma diferenciação entre discurso e ideologia, aquele é o que se diz realmente, enquanto a ideologia é idealização, a explicação das coisas. O poder então convida a relatar a sexualidade como uma estratégia de controle do indivíduo e da população.

A sociedade liga prazer ao poder, as pessoas entrevistadas mostraram que há nas relações poliamoristas uma ligação entre prazer e poder para, talvez, ampliando a sexualidade daquele mais fraco. Podemos ver isso no discurso do Humberto ao relatar que foi tentando introduzir aos poucos homens na sua relação poliamorista, sendo que o primeiro acabou sumindo sem acontecer o ato sexual e só ocorreu depois de sua namorada, segundo ele sem fazer exigências, dizia “quero ver você com outro cara”.

Nessa pesquisa uma das indagações que não se exauriram com a mesma é se a relação de poder-saber-prazer existe na maioria das relações poliamoristas. E indagamos: qual racionalidade conduz o ser humano de hoje a praticar a sexualidade com vistas somente ao prazer? Isso é liberdade sexual? Será que a libertação não seria sair da influência do consumo, em que quem consome mais é mais bem-sucedido? É importante deixar claro que o autor analisa os seres como sujeitos sexuais produtores de história, sendo essas mutáveis, e entende o mundo pautado em relações calcadas no prazer em que o ‘uso dos prazeres’ tem relação, não apenas, com o discurso da verdade, daí a expressão prazer-poder-saber em que a sexualidade permeia a ligação desejo-verdade. Logo, é pelo desejo que o sujeito descobre a verdade de si mesmo, pois com ele se remete a atenção a si próprio.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o conteúdo teórico fizemos a pesquisa de campo a qual nos ofereceu surpresas, uma vez que as situações amorosas dos viventes do poliamor revelaram, por meio das falas dos entrevistados, a presença de ciúmes, posse, hierarquia, como também traição. Talvez esta hipótese dissesse a respeito à nossa falta de conhecimento empírico frente a esse assunto tão atual.

Fato é que pudemos averiguar em nossas entrevistas que a liberdade no poliamor também é instituída por regras estipuladas entre os viventes da relação e, por isso, segundo eles, é possível haver traição, ciúmes e os outros fenômenos próprios às relações monogâmicas. Isto mostra que a ideia de Vaitsman (1994) sobre a influência do patriarcado está correta e ocorrendo até hoje. Averiguamos também que não há uma padronização dos modos de se relacionar no poliamor, sendo que cada entrevistado afirmou vivenciar o poliamor de uma forma diferente e, em alguns casos, alguns entrevistados começaram a viver o poliamor sem nomeá-lo como tal. Diante disso, a realização da pesquisa proporcionou-nos um conhecimento mais abrangente sobre a relação poliamorista, concluindo que há uma distinção entre este modo de viver as relações e as demais práticas não-monogâmicas, havendo uma semelhança entre elas: a dificuldade em serem aceitos em meios sociais, o que leva grande parte das vezes à omissão do relacionamento para a sociedade e, assim, dificultando a realização do campo.

Ainda em relação às diversas práticas não-monogâmicas, percebemos que há uma diferença entre elas, porém, existe um entrelaçamento, como acontece com o amor. Essa percepção ocorreu durante o campo, através do relato dos viventes, que disseram ter começado outras formas de relacionamento ou pelo Swing ou por outra forma não-monogâmica e, por sentirem necessidade de algo mais compromissado no campo afetivo, deslocaram-se para o poliamor.

Como relatado anteriormente as relações poliamoristas têm como ideologia ‘liberdade’ e ‘igualdade’ entre os indivíduos para construir uma nova forma de escolher seus parceiros, contudo, verificamos que essa liberdade e igualdade são mais amplas em outras práticas não-monogâmicas, como no Swing e nas relações livres, pois até para a escolhas das parcerias amorosas no poliamor existe a regra da transparência e do consentimento dos envolvidos.

Outra hipótese levantada pelo grupo foi que as práticas poliamoristas constroem um novo olhar em relação às questões de gênero e sexualidade, ratificando o pensamento de Jacqueline(2012) e Butler (2016). Quanto à sexualidade, observamos que existe uma ampliação desta, trazendo, assim, um olhar mais livre e fluido no que tange aos papéis sociais, no entanto, quanto à orientação sexual foi constatado a sua complexidade e não foi possível observar outras formas de gênero. Durante o trabalho de revisão bibliográfica tivemos dificuldades em achar literaturas direcionadas exclusivamente para o poliamor e percebemos em campo que os entrevistados pareciam confusos ao definir amor, poliamor e suas relações, ficando marcada por definição mais subjetiva.

Quanto ao processo de investigação em campo, foi fácil encontrar os viventes do poliamor através de contatos via da internet, mas tivemos dificuldades na realização das entrevis-

tas, devido à dificuldade de falar sobre tema e, talvez, o que ficou evidenciado na relutância dos entrevistados para dar entrevistas pessoalmente. Não havendo tantas pessoas dispostas a serem entrevistadas, não foi possível realizar o grupo focal previsto inicialmente.

A realização da pesquisa nos proporcionou um conhecimento mais abrangente sobre a ideologia do Poliamor, as distinções das diversas práticas não-monogâmicas, a dificuldade dos viventes de se inserirem na sociedade e o desejo de ampliarem a vivência da sexualidade. A partir disso, conseguimos entender que o amor e seus modos de relação são uma construção histórica, que muda de acordo com a sociedade. Assim, observamos as influências históricas nas relações poliamoristas e certa ampliação de pensamentos que ocorre por meio de redes de poder.

No campo suspeitamos de uma relação de poder, a qual regula o sexo pelo discurso do outro, no entanto, esta discussão ficou em aberto, exigindo novos desenvolvimentos. Assim, não houve um aprofundamento dessa questão nas entrevistas, até porque este conceito só emergiu após a realização do trabalho de campo, ficando seu aprofundamento para uma próxima pesquisa. Ainda no campo, percebemos a importância para os viventes de formar uma família no formato poliamor, todavia, para alguns deles, essa prática é ainda incabível por não ser aceita pela sociedade e, por isso, também achamos interessante para uma próxima pesquisa aprofundar nessa questão em um viés mais jurídico e social, pois com as leis vêm os direitos e estes afetam as práticas sociais.

Por fim, apontamos a necessidade de desenvolver mais pesquisas sobre o Poliamor, para que haja um maior embasamento teórico e empírico sobre o assunto, o que poderá contribuir para o seu reconhecimento social, assim como das demais formas de relacionamento afetivo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. **Ciúme Romântico**: Um breve histórico, perspectivas, concepções correlatas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. *Revista de Psicologia*, v. 2, n.2, p. 18-32. Fortaleza, jul./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1434901/CI%3%9AME\\_ROM%3%82NTICO\\_UM\\_BREVE\\_HIST%3%93RICO\\_PERSPECTIVAS\\_CONCEP%3%87%3%95ES\\_CORRELATAS\\_E\\_SEUS\\_DESDOBRAMENTOS\\_PARA\\_OS\\_RELACIONAMENTOS\\_AMOROSOS](http://www.academia.edu/1434901/CI%3%9AME_ROM%3%82NTICO_UM_BREVE_HIST%3%93RICO_PERSPECTIVAS_CONCEP%3%87%3%95ES_CORRELATAS_E_SEUS_DESDOBRAMENTOS_PARA_OS_RELACIONAMENTOS_AMOROSOS)>

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRODERSEN, Gladys; DELAZERE, Joice Cristina; RODRIGUES, Ivya Fátima. As interfaces do olhar sobre família. *Fam. Saúde Desenv.* V.7, jan./abr. 2005. p.69-74. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/refased/article/view/8055/5677> >

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CARDOSO, Daniel. **Amando vári@s - Individualização, redes, ética e poliamor.** Dissertação (mestrado em ciências da comunicação), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/5704/1/Tese%20Mestrado%20Daniel%20Cardoso%2016422.pdf>>

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** 17. ed. São Paulo: 17ª, 2007

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso do prazer.** 11. ed. São Paulo. 2007

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993

GOLDENBERG, Mirian. PILÃO, Antonio C. **Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias.** *Revista Ártemis*, V. 13, jan./jul. 2012, pp. 62-71. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/viewFile/14231/8159>>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos.** 2. ed. Brasília: Editora Revista e Ampliada, 2012.

KESSLER, Cláudia S. **Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo?** *Soc. e Cult.*, . v. 16, n. 2, p. 363-374, Goiânia, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/32195/17169>>

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais.** *Psicologia em Revista*, v. 10, n. 15, p. 124-136. Belo Horizonte, jun. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202/213>>

LINS, Regina Navarro. **A cama na Varanda: arejando novas ideias a respeito de amor e sexo.** Rio de Janeiro: Edição Revista e Amplitude, 2007.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas.** *Pro-Posições*. vol.19, n.2, pp. 17-23. Maio/ago 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIVA, Juliana Dal. **Rio de Janeiro registra primeira união estável entre três mulheres.** 2015. Estadão. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,rio-registra-primeira-uniao-estavel-entre-3-mulheres,1781538>>.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** Enfoque epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Thiago Luís Magalhães. **Família, cotidiano e vida privada.** Belo Horizonte: FAFICH, 2007.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo:** notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. San Francisco, jul 1992. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequence=1>>

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais:** identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.